

PRÁTICAS EDUCATIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: VIVÊNCIAS DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA VALORIZAÇÃO DAS RELAÇÕES AFETIVAS NO AMBIENTE ESCOLAR.

Emerson Da Silva Novaes¹

Debora Ellen Lopes Dos Santos²

Elaine De Jesus Santos³

RESUMO

Este trabalho tem objetivo explicitar as experiências vivenciadas em ambiente escolar advindas das atividades de Residência Pedagógica, no âmbito do Subprojeto Geografia do Instituto Federal da Bahia-IFBA. Com base nas ações desenvolvidas em escola pública da rede estadual de Salvador-BA, busca-se refletir sobre a importância de um processo de formação de professores apoiado na integração entre Instituição de Ensino Superior (IES) e escola básica que oportunize práticas reflexivas por meio da investigação da realidade e cotidiano escolares. Durante o desenvolvimento das etapas da Residência procuramos encontrar meios de construção de conhecimentos voltados para reflexão sobre as nossas ações que pudessem contemplar propostas de intervenção atentas à singularidade daquele espaço vivenciado. Para isso, fez-se necessário desenvolver análises críticas de interesse da Geografia, visando tratar o espaço escolar como lugar de convivência social e cultural, no qual relações afetivas devem ser tratadas e preservadas para o entendimento e noções de fortalecimento das relações de pertencimento que envolvem esse espaço. Diante das análises provenientes da observação do universo escolar, foi elaborada a proposta “Escola do bem, nosso espaço de estudo, aprendizagem e convivência social”. A motivação, a participação dos alunos e o planejamento elaborado com cuidado e propósitos bem definidos foram fundamentais para o bom desenvolvimento das atividades dentro da sala de aula. A experiência possibilitou reflexão sobre aspectos relevantes e sobre como tornar o ensino geográfico mais presente no cotidiano dos alunos. As vivências se traduziram no entendimento de que os educandos são os verdadeiros protagonistas e interventores de suas próprias histórias.

Palavras-chave: Afetividade, Lugar, Práticas de Ensino.

INTRODUÇÃO

A afetividade favorece o processo educativo por aproximar professores, alunos e toda comunidade escolar dos propósitos de uma educação transformadora. Os processos de ensino-aprendizagem, quando permeados por interações afetivas, contribuem para que o aluno

¹ Graduando em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Campus Salvador. Bolsista do Programa Residência Pedagógica.

² Graduanda em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Campus Salvador. Bolsista do Programa Residência Pedagógica.

³ Graduanda em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Campus Salvador. Bolsista do Programa Residência Pedagógica.

Agradecemos ao Programa de Residência Pedagógica (CAPES) pela concessão da Bolsa e a Prof.^a Anízia Conceição Cabral de Assunção Oliveira pelas orientações necessárias ao desenvolvimento deste estudo.

identifique a escola como espaço de troca de experiências e saberes, como ambiente que fornece meios para a construção de sua identidade cultural e social, de conhecimentos necessários ao desenvolvimento de um espírito crítico capaz de favorecer a leitura de mundo, a reflexão sobre as formas de organização da sociedade, sobre as realidades próximas e distantes.

A eterna busca por uma prática docente que forneça a criticidade é indispensável, sendo necessária para estimular o aluno a compreender o mundo em que ele vive, a exercitar a leitura do seu próprio espaço, tornando-o autônomo para problematizar, refletir e intervir nos acontecimentos que norteiam seu entorno. Para Callai (2001, p. 136), o conteúdo escolar deve estar sempre interligado com a realidade do aluno, de forma que ele possa construir sua cidadania.

Considerando que lugar é uma porção do espaço geográfico onde vivemos e interagimos com uma paisagem, pretende-se a partir deste conceito levar o educando a perceber as transformações ocorridas no ambiente ao seu redor, por meio de leituras e observações. Identificando, descrevendo ou comparando os elementos e o arranjo que o compõe, atribuindo-lhe significado.

Segundo Rezende (1989), deixamos de valorizar o conhecimento prévio que o aluno traz de seu espaço geográfico, valorizando primeiro e inserindo o saber desconhecido, negando o espaço histórico do aluno, inviabilizando assim, a apreensão do conhecimento.

Ao que se refere a ligação de conceitos de “lugar” e a didática da afetividade é de se considerar que muitas das vezes, o afeto, em algumas instituições, recebe pouca importância. Nestes ambientes escolares, comumente, o ato de ensinar é tido como simples transmissão de conhecimentos. Em realidades como essa, a educação é vista apenas como um depósito de informações onde um ensina e o outro aprende. O aluno é agente passivo do processo de aprendizagem e o professor se coloca como um mero transmissor de conteúdo, aspectos que corrompem e enfraquecem as relações interpessoais e que podem repercutir no distanciamento entre professor e aluno e na desvalorização do espaço escolar.

Há de se entender que uma contrariedade na aprendizagem se constitui, também, de uma dificuldade de ensino, não dando, aí, culpados ou inocentes, pois todos têm a mesma responsabilidade no sucesso/fracasso do processo. “Quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas resultam em barreiras para o processo ensino-aprendizagem e, portanto, para o desenvolvimento, tanto do aluno como do professor” (MAHONEY & ALMEIDA, 2004, p.27).

Para evitar contradições sobre o significado da etimologia da palavra afetividade é sempre relevante ressaltar que a afetividade não se trata apenas do contato físico, como muitos

pensam, mas, também quando colocamos pequenas atitudes desafiadoras e que envolvam a força tarefa do professor atentando-se em buscar novos meios que possam incentivá-los sempre, estabelecendo, nesse sentido, formas cognitivas de aprendizagem. Para tanto, Santini (1997) afirma que:

O professor evidentemente necessita conhecer a criança. Mas deve ser conhecida não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas, também, na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz na escola (SALTINI, 1997, p.20).

Tendo como preocupação o desenvolvimento de práticas voltadas ao fortalecimento e cuidado com o espaço escolar, busca-se nesse estudo, refletir sobre a importância da afetividade a partir da consideração das vivências advindas das atividades da Residência Pedagógica no âmbito de ensino da Geografia. As atividades da Residência contemplam o desenvolvimento de fases como a fase de Ambientação, fase de Observação, de Coparticipação/Planejamento e de Intervenção Didática/Regência. Diante das análises provenientes das fases de Ambientação e Observação, foi elaborada a proposta de ação “Escola do bem, nosso espaço de estudo, aprendizagem e convivência social”.

A Ambientação tem por finalidade conhecer o ambiente escolar como um todo, e esta primeira etapa da Residência ocorreu entre os meses de setembro e outubro de 2018. Com a Ambientação pudemos conhecer de perto a dinâmica escolar e os desafios a serem superados. A escola está localizada em uma área central de Salvador, a maioria dos seus alunos é de classe baixa e, infelizmente, existem relatos de meninos e meninas envolvidos com drogas, violência e evasão escolar. Inclusive, durante o período de Observação vivenciamos um episódio de violência, no dia 19/10/2018. Após o colégio liberar o almoço, os alunos estavam muito agitados e fazendo guerra de comida quando, de repente, sem sabermos o motivo, começou uma briga entre dois alunos que terminou em ameaça de morte. Todos ficamos em pânico. Mas, apesar do que aconteceu, fomos embora refletindo o que verdadeiramente é ser professor e quais os desafios inesperados que teremos que lidar no decorrer da profissão.

Naquele dia vimos professores saindo de suas salas para mediar conflitos, nos trazendo a reflexão de que a docência vai muito além do mundo dentro da sala de aula: é dar uma palavra de conforto para aqueles jovens, onde muitos deles são moradores de periferia, com uma vida difícil e conflituosa. Muitos com dificuldade de relacionamento familiar, vítimas de abuso e revoltados por terem que lidar com as dificuldades que lhes rodeiam diariamente. Tudo isto faz parte de ser professor, é estar atento e sensível às demandas de seus alunos, que além de alunos,

são seres humanos. É chamar atenção quando necessário e incentivá-los a serem cada dia melhores.

E foi com esse espírito que propomos o projeto Escola do Bem que tem como objetivo aproximar ainda mais os alunos da escola e da comunidade, através de atividades e ações que promovam a conscientização do cuidado com o espaço escolar, a preservação do meio ambiente, a reflexão sobre a globalização e os impactos ambientais que a relação homem x natureza traz para nossa sociedade.

Tais ações contaram com participações de servidores, com o objetivo de promover atividades baseadas nas noções de cooperativismo social. Procuramos atrelar conteúdos geográficos ao objetivo da proposta fazendo com que a intervenção pedagógica acontecesse por meios metodológicos que envolvesse a comunidade estudantil em atividades de integração com o meio.

Pretendemos torná-los parte não somente da sala de aula, mas envolvê-los na estrutura, organização e manutenção da escola, para que seja um espaço cuidado por todos nós, que convivemos diariamente nela. Além da iniciativa de pertencimento e zelo pelo espaço escolar, buscamos fomentar o aprendizado em Geografia, ao abordar as temáticas mencionadas.

O ensino de Geografia desempenha um papel fundamental na vida dos indivíduos durante todo processo educativo, visto que o conhecimento geográfico contribui para o desenvolvimento sociocultural do cidadão, isto é, para o entendimento e a compreensão do seu espaço geográfico. Entender o espaço e as relações que o compõem faz parte do processo de socialização, alfabetização e leitura de mundo. Desta forma, percebemos que a afetividade está muito ligada ao processo educativo no que diz respeito, principalmente, às referências que são criadas ao longo da vida do estudante com seus espaços de vivências.

Buscamos, então, a partir dos conceitos trabalhados em sala, como a globalização, o consumo em massa, o desperdício e a poluição, despertá-lo para identificação das transformações ocorridas no espaço e os problemas sociais que permeiam a sua realidade resgatando, inclusive, a questão da identidade e a dimensão de pertencimento, e é fundamental, neste processo, que se busque reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares e às paisagens que tornam significativo seu estudo.

De acordo com Cavalcanti (2005, p. 68)

Neste sentido, é relevante, ainda que não suficiente, para os professores de Geografia enfrentar o desafio de se considerar, entre outras, a “cultura

geográfica” dos alunos. Na prática cotidiana, os alunos constroem conhecimentos geográficos. É preciso considerar esses conhecimentos e a experiência cotidiana dos alunos, suas representações, para serem confrontados, discutidos e ampliados com o saber geográfico mais sistematizado (que é a cultura escolar).

Para tanto, o ponto de partida são os espaços familiares, as relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente para que assim possa estabelecer as relações mais distantes. É importante que os alunos percebam que as suas condições de moradias, estudo, lazer e saúde refletem no processo de ocupação e organização do espaço em que vivem, de acordo com as relações sociais que ali se estabelecem.

Nessa perspectiva, com intuito de promover dentro e fora da sala de aula noções e sentidos de que antes de tudo é necessário conhecer para preservar, buscou-se contribuir na desconstrução de crenças que mais ouvimos dos alunos nos momentos de diagnóstico do espaço escolar, relatos do tipo: “ a escola por ser um espaço público não atribui a mim nenhuma responsabilidade”, “ temos funcionários que fazem todo serviço de limpeza”, “ a escola para mim é um lugar comum, onde eu chego, estudo e volto para casa”. Diante disso, surgiu o interesse em promover entre os alunos a reflexão sobre aspectos históricos e culturais da escola, visando a construção de relações afetivas, identificação e pertencimento e de valorização do espaço escolar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para chegarmos aos resultados obtidos foram tomadas como base algumas investigações referentes ao estudo do meio, com o enfoque na afetividade do lugar (espaço escolar), do qual surge a seguinte indagação: De que forma a didática atrelada a afetividade pode ajudar no avanço do conhecimento que saliente o sentido de pertencimento do aluno? Para o sustento das reflexões discorridas aqui, buscamos a contribuição de referenciais teóricos como as obras de CALLAI (2011), PASSINI, (2007), SALTINI (1997), VESENTINI, (2004) e KAERCHER (2003).

Para a execução das ações didáticas, foi necessária a elaboração de um planejamento contendo cronograma de atividades a serem desenvolvidas em turmas de ensino fundamental. A construção do plano de ação nos permitiu, enquanto professores em formação, relacionar teoria e prática.

O planejamento contemplou a definição de momentos voltados a (1) debates para discussão sobre cooperativismo, integração social, respeito ao próximo, cuidado com os

espaços de convívio social e reflexões direcionadas a elevação da autoestima desses estudantes; (2) elaboração do painel de registro da sala selo verde e promoção de roda de conversa; (3) construção de recipientes recicláveis com o objetivo de conscientizar e incentivar a prática do reaproveitamento.

RESULTADOS

1º Encontro

No primeiro contato direto que tivemos com a turma, procuramos trabalhar na perspectiva de desenvolver práticas que levassem em direção à construção de conceitos, trazendo temáticas que envolvessem as ações do cooperativismo, dando exemplos da importância do trabalho coletivo e reforçando sempre a ideia de que tanto dentro quanto fora do ambiente escolar, a cooperação e o conhecimento de sua própria história contribui para os processos de entendimento do fenômeno de pertencimento ao meio (lugar). De início, a turma começou meio dispersa e tivemos que pausar as explicações algumas vezes para que a professora pudesse solicitar a atenção dos alunos.

Frente a dificuldade encontrada, buscamos estratégias voltadas a uma maior interação dos alunos. Por exemplo, ao pedirmos aos estudantes que tentassem definir o que significa as palavras cooperativismo, lugar e afetividade, foi possível notar os conhecimentos prévios desses alunos e suas capacidades de interação com o conteúdo. Neste sentido, passamos também a utilizar como recurso metodológico o quadro negro, e conforme os alunos apresentaram o entendimento que possuíam das palavras, íamos colocando no quadro para que no fim interligássemos o conhecimento cotidiano ao científico. No decorrer da aula, percebemos que eles foram sentindo-se cada vez mais à vontade para participar da construção de conhecimento através do conhecimento prévio que traziam.

Percebemos também que quando perguntávamos exemplos do seu cotidiano com o que estava sendo explicado, eles se sentiam mais à vontade e estimulados, o que tornou o conteúdo mais compreensível e agradável para eles. Contudo, apesar da empolgação dos educandos, a efetivação das atividades só foi possível depois que a professora informou que iria atribuir nota de participação a quem estivesse prestando atenção ao conteúdo, e este foi um método que, infelizmente, acabou sendo "eficaz" para que conseguíssemos a participação e atenção de todos os alunos para importância do que estava sendo ensinado.

Antes do encerramento do trabalho com conteúdo atitudinais, passamos a definir como seria o andamento dos nossos próximos encontros, no sentido de prepará-los e permitir que os alunos saibam adotar os procedimentos adequados para realização das próximas tarefas. Deixamos algumas das explicações de como deveriam ser confeccionados os cartazes e procuramos, antes de distribuir os materiais, explanar sobre as questões de cooperativismo e coletividade sempre buscando exemplos próximos aos alunos, suas vidas e cotidiano a fim de dar mais significação ao processo.

2º Encontro

No encontro seguinte, pedimos que os alunos começassem a elaboração do painel de registro da sala selo verde. Um dos motivos dessa ação foi de estimulá-los para uma aproximação dos alunos com os funcionários, pois percebemos que a relação entre ambos é um tanto quanto desafiadora, portanto a lógica de desenvolvimento da construção daquele momento de aprendizagem era dar sentido e provocar nos educandos afeto e atitudes que pudessem, de alguma forma, contribuir na desconstrução das ideias que somente o profissional da limpeza era o “principal” responsável por manter tudo em ordem e/ou até mesmo a ideia de que “espaços por serem públicos não atribui a mim nenhuma responsabilidade”.

Seguimos o cronograma pedindo para que a turma se dividisse em 4 grupos de forma espontânea e que pensassem em um nome fantasia para a cooperativa do grupo. Todos ficaram bem destemidos e bastantes empolgados para entrar em ação, mas antes buscamos fazer ligações com o que se vê em noticiários, baseando-se em dados atuais.

Buscamos novamente a participação dos alunos na aula, e através do seu próprio conhecimento chegamos à conclusão de que por muitas das vezes descuidamos dos espaços, principalmente os públicos, por não nos sentirmos pertencentes ao ambiente em questão e por muitas das vezes também desconhecer o passado desses determinados espaços.

Uma roda de conversa com alguns servidores (zeladores da escola) foi planejada, porém não foi possível de ser promovida. A intenção da ação visava abranger uma escala ampla, pois acreditamos que os depoimentos desses funcionários, que carinhosamente chamamos de Guardiões do Ambiente Social (GAS), contribuiriam para promover uma pequena, porém grandiosa demonstração de sentimento de carinho e pertencimento com ambiente escolar.

A ação ficou restrita apenas aos alunos, com a roda de conversa buscamos mais uma vez trabalhar conteúdos atitudinais e acrescentemos os aspectos históricos e culturais que ali envolviam. Levamos o assunto mais a fundo e tratamos de trabalhar com vídeos e depoimentos

de pessoas que em prática passam boa parte do tempo se dedicando, de forma remunerada ou não, em cuidar dos espaços públicos sociais.

Na ocasião muitos se sentiram à vontade para contar o que era aquele espaço na vida deles e de forma muita afetiva e cuidadosa eles passaram a compreender o que o outro sentia por estar ali e a partir daí foi se criando vínculos que futuramente poderiam contribuir para o sentimento de pertencimento.

Chegamos à conclusão de que, por muitas das vezes, descuidamos dos espaços, principalmente dos espaços públicos, justamente por não se sentir pertencente ao ambiente em questão, ou por desconhecer o passado destes determinados espaços de convivência que é social e cultural.

3º Encontro

O último encontro foi o mais proveitoso, pois contamos com a colaboração de todos os alunos mesmo com eles sabendo que seriam liberados mais cedo pela escola. Ou seja, ficaram mais tempo conosco por livre vontade.

Houve a confecção das lixeiras recicláveis com a distribuição de caixas de papelão, tintas, cartolina e papel crepom. Mas, antes mesmo de começarmos, sentamos em roda e fizemos um bate papo com os alunos sobre a importância da preservação e cuidado com a escola e o meio ambiente como um todo. Aproveitamos para fazer associação com o conteúdo globalização, envolvendo temas relacionados ao consumo em massa, o desperdício e a poluição.

Buscamos sempre a participação e a construção do conhecimento com eles, que nos ouviam atentamente e que ao mesmo tempo estavam ansiosos para “sujar as mãos de tinta”. Pedimos para que eles dividissem a turma em trios ou quartetos e deixamos a critério deles a divisão. Após todos concluírem a lixeira, cada um falou da importância da preservação escolar e do meio ambiente. Ouvi-los foi muito enriquecedor. Depois saímos distribuindo as lixeiras pelas salas e arrumando o que sujamos. Ao final, nos despedimos da turma e agradecemos o proveitoso trabalho e o aprendizado em equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa de Residência Pedagógica vem oportunizando ricas experiências formativas. Ao permitir a integração entre teoria e prática, a Residência proporciona atividades de observação, pesquisa, planejamento e execução de ações didáticas que permitem reflexões

contínuas sobre as características e desafios da profissão, contribuindo assim para melhoria do processo de formação. Com o desenvolvimento das atividades, tivemos a oportunidade de vivenciar e interagir com professores, alunos e toda comunidade escolar e assim enriquecer nossa prática.

O primeiro ciclo da Residência vivenciado por nós veio a proporcionar grandes trocas de saberes com os alunos e a conscientização da necessidade de, como futuros educadores, estarmos sempre em busca de novos conhecimentos, metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem que venham a valorizar o conhecimento prévio dos alunos, além de levá-los a refletir e "criar" sua própria leitura e visão de mundo, ao fazer uma reflexão crítica da realidade ao qual está inserido na perspectiva de formar cidadãos com opiniões, ativos socialmente e críticos.

Com as experiências desenvolvidas em uma das escolas públicas parceiras do Programa, percebemos que quando a afetividade é reconhecida dentro do processo de ensino-aprendizagem traz como consequência para vida do aluno inúmeras vantagens, ou seja, o professor passa a oferecer confiança, sensibilidade e manejo necessário para entender o que seus alunos estão sentindo em determinados momentos de suas vidas e essa habilidade é, portanto, deliberada para encontrar possíveis soluções para certas situações que possam ser consideradas incompatíveis a determinadas situações.

Durante o processo de intervenção em sala de aula, pudemos enxergar de perto essa realidade, onde fizemos com que os alunos se sentissem mais valorizados e respeitados, e de imediato podemos perceber as ações de reciprocidade por parte deles. Que trouxeram, como “resposta imediata” sua disposição para aprender e cooperar, fazendo com eles, em sua maioria, estivessem mais abertos e receptivos conosco, professores, e seus colegas de classe.

Diante disso, concluímos, que a carência familiar sofrida, principalmente daqueles que estão na escola pública e, muitas das vezes em situações de vulnerabilidade social, é recorrente. Sendo assim, o mínimo de atenção que o professor propuser, com certeza fará bastante diferença na vida destes educandos. Portanto, a importância de se pensar e agir sobre estas interações que tornam o processo de construção do conhecimento e o valor pedagógico das relações humanas é ainda mais necessária e evidente. Já no que se refere ao interesse dos alunos, este também se constitui como um estimulante para o próprio professor, nos fazendo acreditar em uma educação que sirva como base de mudanças e transformação sociais.

Através das ações em conjunto acreditamos que os alunos devem ser permanentemente valorizados e estimulados como seres capazes de interagir e dialogar com o meio no qual estão inseridos. Assim, foi de suma relevância trabalhar a afetividade no processo educativo de ensino, sobretudo da Geografia, voltado para práticas de elevação das relações entre o meio vivido e o sentimento de pertencimento com o lugar.

REFERÊNCIAS

- KAERCHER, Nestor André. A geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003
- SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.
- MAHONEY, A.; ALMEIDA, L. A dimensão afetiva e o processo ensino-aprendizagem. **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2007.
- CALLAI, Helena Copetti. **Educação geográfica: reflexão e prática**. Ed. Unijuí, 2011.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 9ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 1994.
- PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de Ensino de Geografia e estágio Supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.
- VESENTINI, José Wilian. **O Ensino de Geografia no Século XXI**. Campinas, São Paulo: Papiros, 2004, p.21.